



Saussure e a poética comparada¹

Pierre-Yves Testenoireⁱ (Université Paris-Sorbonne)

Résumé: On connaît la recherche des anagrammes de Ferdinand de Saussure ; on connaît moins ses autres travaux sur les textes littéraires des langues anciennes, inséparables de son activité de comparatiste. Cet article a donc pour tâche de présenter ces différents travaux, la plupart inédits, qui s'échelonnent sur plus de vingt ans et de dégager ce qui fait leur cohérence. L'objectif est également d'évaluer la contribution effective de Saussure à ce domaine aujourd'hui installé, mais à l'époque naissant, que l'on appelle "poétique indo-européenne" ou "poétique comparée".

Resumo: Conhece-se a pesquisa dos anagramas de Ferdinand de Saussure; conhecem-se menos seus outros trabalhos sobre os textos literários das línguas antigas, inseparáveis de sua atividade de comparatista. Este artigo tem, portanto, como tarefa apresentar esses diferentes trabalhos, a maior parte inéditos, que variam durante mais de vinte anos, e esclarecer o que faz sua coerência. O objetivo é igualmente avaliar a contribuição efetiva de Saussure neste domínio hoje instalado, mas naquela época nascendo, que se denomina de "poética indo-europeia" ou "poética comparada".

Introdução

A publicação dos primeiros extratos dos cadernos de anagramas revelou, ao longo dos anos 60, um novo aspecto do trabalho de Ferdinand de Saussure: sua abordagem científica do texto poético. A recepção apaixonada desse trabalho abriu espaço para os debates contemporâneos em poética, semiótica ou psicanálise. Apesar disso, poucos se interessaram pela abordagem de Saussure em si mesma e poucos se perguntaram sobre a

¹ Uma primeira versão deste trabalho será publicada, em 2016, em francês, no livro *Saussure: une source d'inspiration intacte*, organizado por Claire Forel e Thomas Robert. Traduzido para este número da Eutomia por Clemilton Lopes Pinheiro (UFRN) e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin (UFC)

possibilidade de identificar, no trabalho sobre os anagramas, os delineamentos da “poética saussuriana”, e, principalmente, qual o sentido que se pode dar a esse sintagma.

Saussure, ele mesmo, não teoriza sua abordagem sobre o fato literário. Ele não define, como seus sucessores, uma poética que faria parte integrante da linguística. Assim, quando ele propõe, no manuscrito nomeado *Da dupla essência*, uma definição totalizante da “semiologia”, que englobaria todas as disciplinas relativas à linguagem, nenhuma delas tratou a análise do emprego literário das formas linguísticas, a não ser as antigas “retórica” e “estilística”². “Poética” corresponde, de fato, segundo ele, a um emprego tradicional e significa o conjunto das regras e das opções estéticas que caracterizam a produção literária de uma época, de uma língua (a poética francesa), de uma escola ou de um escritor (a poética de Parny)³.

A contribuição de Saussure para uma poética, entendida como teoria da literatura, foi bastante considerada, mas por perspectivas diferentes. Jakobson, de início, foi um dos primeiros a destacar a importância dos textos de Saussure relativos aos anagramas e um dos únicos a reivindicar sua publicação integral. Salientando nos anagramas “as descobertas mais ousadas e lúcidas de Saussure” (1966, p. 686), Jakobson considerou que esse trabalho “poderia ter inovado a ciência mundial da poética” (1975, p. 16), se tivesse sido publicado após a morte do linguista, como o *Curso de linguística geral*. Ele teria mesmo constituído “um livro-chave para o desenvolvimento da poética estrutural” (1978, p. 22). Em uma perspectiva diferente, Henri Meschonnic defendeu, desde *Pour la poétique I* (1970) até *Dans le bois de la langue* (2008), uma poética que partia de Saussure, não porque ela levava em conta seus trabalhos relativos aos textos literários, mas porque ela reinterpretava seu conceito de valor a serviço do que Meschonnic chama “uma antropologia histórica da linguagem”. Como se vê, a relação de Saussure com a poética é pensada às vezes sobre o modo do *impetus*, às vezes como um aporte diferente, mas integrado, em uma concepção cumulativa, no horizonte memorial de uma ciência poética constituída. Seja considerada como passado irreal ou como aberta ao futuro, a “poética saussuriana” é sempre orientada para um *telos* que lhe é estranho. Na realidade, o conhecimento do projeto específico do

² Cf. “Semiologia = morfologia, gramática, sintaxe, sinonímia, lexicologia etc. tudo sendo inseparável” (Saussure, 2002, p. 45 = Saussure, 2011, p. 102).

³ Essas referências encontram-se nos manuscritos do linguista: (Biblioteca de Genebra, doravante BGE), AdS 379/9, fol. 1vº, fol. 5 e fol. 6. Nós agradecemos à BGE pela autorização que nos foi dada para citar e reproduzir alguns manuscritos assinados por Saussure.

linguista sobre os textos literários ainda apresenta grandes lacunas, e é conhecido de segunda mão. O objetivo deste artigo é, então, descrever algumas dessas características. Para isso, partiremos de uma evidência cuja importância é frequentemente subestimada: a forma de Saussure pensar a poética se baseia na análise de textos escritos de uma diversidade de línguas.

1. Os trabalhos de poética de Saussure

Nenhum trabalho publicado em vida por Saussure trata especificamente dos empregos literários da linguagem. Em revanche, uma parte consistente de seus manuscritos conservados na Biblioteca de Genebra é dedicada a essas questões. Os manuscritos de poética de Ferdinand de Saussure podem ser divididos em cinco principais sessões:

1. Sobre a métrica homérica

Aproximadamente, uma centena de manuscritos trata do problema do final da palavra nos versos homéricos. Esses manuscritos, conservados principalmente sob os códigos BGE, AdS 381, 383 e 385, datam de 1888 e 1889. Eles resultaram em uma comunicação na Sociedade de Linguística de Paris, em 26 de janeiro de 1889. Uma resenha dessa comunicação, sem dúvida pela mão de Saussure, foi publicada em *Bulletins de la Société de linguistique de Paris*. A pesquisa de 1888-1889 aborda o lugar da palavra no hexâmetro datílico, forma métrica utilizada nos poemas de Homero. Saussure se interessa, especificamente, pelo fenômeno da diérese métrica, ou seja, pela coincidência entre uma palavra e o fim de um pé de verso.

Essa coincidência quase nunca se encontra em Homero em certas posições: por exemplo, após o terceiro pé (diérese 3) em que o meio de uma palavra coincide com o meio exato do hexâmetro é quase sempre evitada. Ao contrário, os finais de palavras são muito frequentes em outras posições: após o primeiro pé (diérese 1) e após o quarto pé (diérese 4, também chamada bucólica). A pesquisa de 1888-1889 é consagrada às frequências dos finais de palavras nessas diferentes posições métricas. Nos seus manuscritos, Saussure examina atentamente o conjunto dos versos da *Ilíada* e da *Odisseia* e lista a quantidade das diferentes diéreses, cântico por cântico. Em seguida, ele estabelece uma regra de proporção

inversa da diérese 1 e da diérese 4 no interior de cada cântico, e expõe para a Sociedade de linguística de Paris. “Constata-se de forma surpreendente o fato de que o número de versos em que o primeiro pé termina com uma palavra em cada cântico é o inverso do quarto pé que termina da mesma maneira. Quando o primeiro número excede 52¹/₂%, o outro cai para baixo de 61¹/₂%, e, reciprocamente, sem exceção”. Ele escreve na resenha da comunicação (Saussure, 1922, p. 602). Essa descoberta não resulta, no entanto, como outras comunicações orais, uma publicação na revista *Mémoire de la Société de linguistique*. Ela não é desenvolvida depois⁴.

2. Sobre a versificação francesa

O segundo grupo de manuscritos de poética trata da versificação francesa. Ele forma um conjunto em torno de setenta folhas classificadas como BGE, Ms. fr. 3970/f et AdS 379/9. Esses manuscritos estão ligados ao curso intitulado “Fonologia. A versificação francesa; estudo das leis, do século XVI aos nossos dias”, que Saussure ministrou de 1900 a 1909 no quadro do Seminário de Francês moderno, proposto pela universidade de Genebra. Contrariamente aos documentos sobre a diérese homérica, essas folhas não formam um conjunto coerente. Tratam-se principalmente de notas preparatórias do curso de versificação francesa, frequentemente dispersas e fragmentadas. Saussure aborda aí muitos problemas prosódicos: a teoria do ictos, o hiato, o “e” mudo, a rima. Os manuscritos contêm, além de exercícios para os estudantes, análises precisas de versos de muitos poetas, em particular Fontaine e Parry, a cada um dos quais é consagrado um caderno, e reflexões teóricas. A isso se misturam considerações mais polêmicas sobre a qualidade da poesia francesa e sobre alguns grandes escritores – encontram-se, por exemplo, duas críticas severas a Bossuet e Pascal. O conteúdo dessas críticas é certamente pouco relacionado ao curso de versificação francesa. Esses documentos apresentam como data, sem muita precisão, os anos entre 1900 e 1909⁵. A esse conjunto, associam-se as notas para avaliação

⁴ Sobre essa pesquisa métrica de 1888-89, ver Testenoire (2008). Um inventário detalhado dos manuscritos relativos à pesquisa sobre as diéreses está disponível no CD anexo a *Cahiers Ferdinand de Saussure* 61.

⁵ Análises sobre esses manuscritos foram propostas por Angeli (1991), Choi (1997), Arrivé (2007) Arrivé (2009), Laplantine (2012), Joseph (2012) e Testenoire (2013).

de poemas contemporâneos escritas por Saussure, quando compôs o júri de um prêmio literário da universidade de Genebra (prêmio Hentsch - 1902)⁶.

3. Sobre o verso saturnino

A terceira pesquisa devidamente confirmada pelos arquivos de Ferdinand de Saussure aborda os versos saturninos. O interesse por esses versos nasceu com a contemplação de inscrições latinas em Roma por ocasião de uma viagem à Itália em janeiro de 1906, e segue até julho do mesmo ano. O verso saturnino é a mais antiga forma métrica da poesia latina. Encontrada em peças dos séculos III e II antes de Cristo, é conhecida na modernidade apenas por um *corpus* restrito: em torno de 130 versos preservados ou por citações de autores mais tardios, ou por inscrições arcaicas⁷. Após a adoção em língua latina das formas métricas herdadas da poesia grega, a composição do verso saturnino se perde. Desde o século I antes de Cristo, a estrutura do verso é obscura para os estudiosos de métrica latina. Ela constitui ainda hoje, em grande parte, um enigma sobre a métrica. No fim do século XIX, uma literatura abundante é consagrada ao assunto. Cria-se um debate, particularmente, entre os partidários de uma explicação quantitativa e os de uma explicação prosódica do verso. Saussure se engaja nessa questão e consagra a ela, entre janeiro e julho de 1906, uma dezena de cadernos e muitas folhas, classificadas como BGE, Ms. fr. 3962 e 3966/13. Os resultados aos quais ele chega são de duas ordens. Os primeiros são propriamente métricos: Saussure opta por uma explicação quantitativa do verso que ele analisa como um hexâmetro espondaico flexível cuja estrutura se tornaria complexa por causa do seu desconhecimento. A segunda explicação é complementar: o verso saturnino repousaria sobre um princípio de paridade fônica. Em cada verso, seria difícil figurar os fenômenos em número par, o que explica os frequentes usos da aliteração. Esses resultados não vieram a público, apesar de estarem prontos para publicação⁸.

⁶ Essas notas estão separas em diferentes classificações: BGE, Ms. fr. 3957/4, AdS 372/8, fol. 266-267, 382 fol. 122-123

⁷ O artigo de Cole (1969), que faz referência à questão, apresenta o inventário completo dos versos saturninos existentes e oferece uma boa percepção dos problemas que eles comportam.

⁸ Na margem de um texto sobre sua explicação do verso saturnino, Saussure escreve “6 de julho diretamente para imprimir” (BGE, Ms. fr. 3966/13, fol. 20), o que demonstra sua intenção de publicar esse resultado. Sobre a pesquisa métrica dedicada aos versos saturninos, consultar: Prosdociimi et Marinetti (1990), Helsloot (2003),

4. Sobre a métrica do Rig Veda

A hipótese da paridade fônica, formulada a propósito dos versos saturninos, foi verificada em seguida em outro *corpus*: o Rig Veda. Perto de trinta cadernos e um pacote de folhas avulsas (BGE, Ms. fr. 3960, 3961 e 3969) são dedicados a esse trabalho. Os manuscritos se apresentam mais frequentemente sob a forma de tabelas nas quais Saussure faz o levantamento dos fenômenos presentes nas estrofes do Rig Veda. À margem desses inventários fonológicos, o linguista observa o sucesso ou não do que ele denomina então de “paridade” ou “simetria” fônica. O conjunto desse trabalho de grande fôlego não é datado com precisão. O controle da paridade fônica é feito, no entanto, após o trabalho com os versos saturninos de 1906, e uma parte desses manuscritos foi escrita nesse mesmo ano. De certa forma, outros cadernos sobre o Rig Veda datam do ano de 1909⁹.

5. Sobre os anagramas

A última pesquisa poética é incontestavelmente a mais consistente e a mais conhecida. A hipótese dos anagramas está diretamente ligada ao trabalho desenvolvido sobre os versos saturninos e sobre suas aliterações. Em julho de 1906, Saussure percebe que, na maior parte dos versos saturninos, alguns fenômenos escapam à paridade fônica. Eles formam o que o estudioso chamou “um resíduo”. Em um primeiro momento, Saussure imagina que esse resíduo de fenômenos deixados em suspenso deve estar ligado aos versos seguintes. Em seguida o linguista considera que esse resíduo é significativo e participa, de maneira mais estrutural, da explicação do saturnino. Efetua-se, então, uma mudança de perspectiva em suas pistas de pesquisa: a ideia do resíduo, como princípio de organização do verso, torna-se a hipótese central e a paridade fônica passa para segundo plano. Ele então formula a hipótese de que os fenômenos de aliteração do saturnino se organizam em torno de um lexema (o antigo resíduo), que ele denomina o “tema” ou ainda a “palavra-tema”. Segundo essa hipótese, os poetas procuravam disseminar, em seus versos, sílabas idênticas às de um determinado tema. Saussure chama esse princípio de composição do anagrama. Trata-se de um princípio, embora imperceptível, da prática poética na antiguidade.

Joseph (2012) e Testenoire (2013). Rastier (1970) buscou verificar a explicação paritária sobre o *corpus* saturnino e concluiu que ela era, no estado em que se encontrava, inverificável.

⁹ Se os manuscritos sobre o Veda não foram até hoje objeto de um estudo específico, algumas descrições parciais desses documentos foram propostas por Shephard (1982) e Testenoire (2013) e (2015 – ainda a sair).

Formulada no verão de 1906, a hipótese dos anagramas é seguida durante quase três anos. Em um primeiro momento, ele a verifica nos textos mais antigos de diferentes tradições poéticas: o Rig Veda, os poemas homéricos, os versos saturninos, a canção de Hildebrando, e a canção dos Nibelungos. Em seguida, Saussure centra suas pesquisas na língua latina. Em setembro de 1907, ele retorna ao saturnino e considera que a prática anagramática está presente em toda a poesia latina. Ele se põe também a buscar – e a encontrar – anagramas em poetas da época republicana e augustiana – Lucrécio, Virgílio, Ovídio – depois em toda a época imperial – Lucano, Juvenal, Ausonio etc. Ele descobre o mesmo procedimento na prosa – em Cícero, Tito Lívio, Plínio – e na poesia latina moderna – nos humanistas ou nas obras dos jesuítas do século XVIII. Finalmente, em 1909, intrigado pela proliferação de anagramas, cuja existência ele não chega a provar, Saussure se volta para um dos seus contemporâneos, o poeta italiano Giovanni Pascoli, que compôs muitas peças latinas. O linguista lhe escreve para saber se os anagramas descobertos em seus versos são intencionais ou frutos do acaso. Pelo que se sabe, Giovanni Pascoli não responde. Saussure interpreta esse silêncio como uma reprovação e abandona sua pesquisa.

No total, mais de cem cadernos consagrados a essa hipótese chegaram até nós (principalmente os classificados como BGE, Ms. fr. 3962 a 3969). O linguista não publicou nada de suas pesquisas, que foram descobertas cinquenta anos mais tarde, quando seus manuscritos foram depositados na Biblioteca de Genebra¹⁰.

O conjunto desses trabalhos de poética representa em torno de 30% do total dos manuscritos conservados de Ferdinand de Saussure¹¹. Se as cinco pesquisas que nós acabamos de apresentar constituem o essencial dos manuscritos de poética de Saussure, observações mais pontuais sobre os sistemas de versificação se encontram também em outros lugares: por exemplo, nas notas sobre o lituano e sobre as línguas germânicas¹². Outros manuscritos tratam, enfim, dos textos literários ou poéticos sobre outro ângulo. Assim o trabalho sobre as lendas germânicas e escandinavas (SAUSSURE, 1986) ou sobre a

¹⁰ Para uma apresentação mais detalhada sobre a pesquisa dos anagramas, consultar: Starobinski (1971), Wunderli (1972), Gandon (2002), Bravo (2011) e Testenoire (2013).

¹¹ São perto de 3900 folhas escritas das 12700 que compõem o fundo Ferdinand de Saussure da Biblioteca de Genebra e da Houghton Library de Harvard.

¹² Ver, por exemplo, sobre a versificação lituana (BGE, AdS 385 et 387, fol. 122-124) e em antigo nórdico (BGE, Ms. fr. 3959/11 editado em Saussure, 1986).

tradução de *Agamenon* de Ésquilo (SAUSSURE, 2008) apresentam uma abordagem filosófica ou mitográfica, que não corresponde ao nosso propósito.

Se os manuscritos de poética ocupam um lugar quantitativamente não negligenciável entre os escritos de Saussure, eles desenham sobretudo um percurso de pesquisa coerente de quase vinte anos. Não faltam repercussões entre as cinco pesquisas já relatadas. Os trabalhos sobre a métrica do saturnino, do Veda e sobre os anagramas são, como já vimos, inextricavelmente, ligados: a pesquisa dos anagramas decorre diretamente do trabalho sobre o verso saturnino, e a verificação da paridade fônica do Veda é desenvolvida logo após o abandono da hipótese anagramática. Da mesma forma, os cadernos de anagramas contêm muitos resquícios de notas sobre a versificação francesa. Saussure compara frequentemente o fenômeno do anagrama ao da rima, na poesia francesa, problema ao qual ele consagra uma atenção constante nas notas para o curso de versificação¹³. Quanto à pesquisa mais antiga sobre o final da palavra em Homero, o linguista faz menção apenas uma vez, em julho de 1906, exatamente no momento em que ele elabora a hipótese anagramática. Em um rascunho de uma carta, datada de 30 de julho de 1906, ele escreve:

Há alguns anos, eu havia feito a estatística completa da *Ilíada* e da *Odisseia* quanto ao corte no 1º pé cuja frequência em alguns livre e a raridade em outros haviam me chamado atenção; mas bem antes eu vi que havia uma relação com o corte antes do 5º pé, do qual eu não posso dar mais detalhes, todos os cadernos dessa estatística se perderam em uma mudança de Genebra para Paris. Provavelmente se veria que é de preferência com o corte antes do quarto (após o 3º então) que aquele se combina. (TESTENOIRE, 2008a, p. 248)

Se Saussure se lembra, nesse momento, do trabalho de 1888-1889, é fato que as duas pesquisas de regularidades nos versos apresentam, com vinte anos de diferença, muitas semelhanças. De fato, entre os diferentes trabalhos de poética de Saussure duas constantes principais podem ser identificadas.

A primeira diz respeito ao recurso sistemático ao método quantitativo. A estatística de início. Ela fundamenta os resultados da pesquisa sobre o final da palavra em Homero, em 1889. Estabelecida sobre o exame minucioso e exaustivo do *corpus* determinado – 28000 versos da *Ilíada* e da *Odisseia* –, a estatística de diferentes diéreses sustenta a tese de

¹³ Sobre a comparação entre rima e anagrama, ver Testenoire (2013).

proporções métricas não aparentes em cada canto dos poemas. Saussure reconhece os méritos desse método, em 1904, em um rascunho de carta ao seu antigo colega da *École Pratique des Hautes Études*, Jean Psichari. Ele parabeniza seu filho, Michel, que acaba de publicar um índice sobre a mitologia de Horácio (*Index raisonné de la mythologie d'Horace*), de ter empregado esse método estatístico e mesmo de conferir a ele “uma posição insuperável”:

Eu ousa, no entanto, dizer que há alguma coisa de agradável para todo mundo ver; o fato de um jovem estudioso da geração que está a vir, começar por um trabalho de estatística, - de início porque esse método o põe, em pouco tempo e sob todos os domínios que ele abordará, em uma posição insuperável -, e em seguida talvez porque nós temos o direito de dizer que é para esse método que nós tendemos, ou que é para esse método que nós nos preparamos – nós os antigos – no nosso grande esforço de livrar os fatos e os colocar à parte de toda interpretação.¹⁴

¹⁴ BGE, AdeS. 366, fol. 201c.

Voltaire Comment d'Henriade.

o''-ã-o''-o''-è-o-i-è-a-u-a-ã
 è-a-wa-o''-õ-è-è-a-wa-o''-è-ã
 i-a-o''-õ-a-o''-a-i-a-ou-è-é'
 a-a-é'-a-i-õ-u-ẽ-è-a-o-é'
 õ-õ-i-è-a-è-è-a-i-è-i-è
 è-u-o''-é'-u-è-o''-ẽ-cu-è-o''-é'
 è-ã-u-o-é'-eu-o-u-o''-è-i-é'
 è-ã-u-é'-è-i-a-o-è-a-a-é'

11 o''	17 a	3 o	gi	7 u	1 eu
22 è	2 wa	2 o			1 eu
8 é'	5 ã	5 õ			1 ou
2 ẽ		10			
43	24				

~~Henriade~~
Henriade

Panny (de Discrethim)

è-ã-a-õ-a-ou-o''-u-è-é'-ou-i
 a-è-õ-è-i-ã-o''-a-wa-è-wi-ã
 è-i-o''-o''-a-é'-o-o-è-è-õ-cu
 o''-è-ã-é'-o''-a-i-ou-i-ã-o''-eu
 é-a-o''-é'-õ-è-o''-o''-o''-ã-a-ã
 a-è-è-è-o-o-o-õ-o''-o-a-ou
 i-i-õ-a-o-ẽ-è-è-ẽ-i-è-ã
 o-i-ã-è-õ-cu-è-o''-ẽ-è-ou-ou

24 è	11 a	2 o
5 é'	1 wa	5 o
15 o''	7 ã	4 õ
3 ẽ		

fig. 1 :

BGE, AdS 379/9, fol. 11v°

13

Inscr. Hanc oino ploirume (suite)

$\bar{e}$ intérieur	$\bar{e}$ en finale	$\bar{e} = \bar{e}i$	$\bar{e}$ pur.
1. $\bar{e}$ -	---	$\bar{e}$ - <ploirume>	---
2. ---	$\bar{e}$ -	---	---
3. ---	- $\bar{e}$.	---	---
4. ---	$\bar{e}$ -	---	$\bar{e}$ - <cāson>
5. - $\bar{e}$.	- $\bar{e}$.	$\bar{e}$ - <hēc>	- $\bar{e}$ <āpit>
6. $\bar{e}$ - $\bar{e}$. $\bar{e}$ - $\bar{e}$. $\bar{e}$ - $\bar{e}$.	$\bar{e}$ - $\bar{e}$.	---	---

(fust
dadēt
compris)

(N'y a d'autre
part un $\bar{h}iē$
aux l.)

1. $\bar{i}$ -	---
2. - $\bar{i}$. $\bar{i}$ -	---
3. - $\bar{i}$. $\bar{i}$ - $\bar{i}$.	$\bar{i}$ - $\bar{i}$. $\bar{i}$ -
4. $\bar{i}$ -	- $\bar{i}$. $\bar{i}$
5. - $\bar{i}$. $\bar{i}$ - $\bar{i}$.	---
6. ---	---

Si les $\bar{a}i$, $\bar{o}i$, doivent se décomposer
(comme c'est nécessaire si l'on veut rendre
les $\bar{a}$ pairs), il faut ajouter :

5 $\bar{i}$ brefs. (Romai, aidiliis, aide,
oino, ploirume)

ce qui rendrait
les $\bar{i}$ brefs impairs, mais en revanche
l'ensemble des $\bar{i}$ pairs.

$\bar{v}i\bar{r}o$
compte bref.

Haret lit Romae.

En suppléant R(omai) et a(pud vos), et rien d'autre,
on constate, à moins d'erreur dans la statistique
précédente, que le nombre de fois où chaque
~~voyelle~~ est écrite lettre $\bar{A}$, $\bar{E}$, $\bar{I}$, $\bar{O}$, $\bar{V}$ = u voyelle,
est écrit sur la pierre (sans s'inquiéter de
sa valeur) est pair pour les 5 lettres.

Je refais ici le compte en question, c.à.d. des lettres pures, en
pointant directement sur le texte

$\bar{A}$: $\bar{1}$ (Romai) + $\bar{0}$ + $\bar{2}$ + $\bar{2}$ + $\bar{3}$ + $\bar{2}$ = 10.
 $\bar{E}$: $\bar{2}$ + $\bar{1}$ + $\bar{1}$ + $\bar{2}$ + $\bar{4}$ + $\bar{8}$ = 18
 $\bar{I}$: $\bar{4}$ (Romai) + $\bar{2}$ + $\bar{6}$ + $\bar{4}$ + $\bar{3}$ + $\bar{1}$ = 20
 $\bar{O}$: $\bar{7}$ (Romai) + $\bar{6}$ + $\bar{3}$ + $\bar{4}$ (vos) + $\bar{1}$ + $\bar{1}$ = 22
 $\bar{V}(\bar{U})$: $\bar{1}$ + $\bar{2}$ + $\bar{1}$ + $\bar{2}$ (apud) + $\bar{1}$ + $\bar{1}$ = 8.

(ce qui garantit en
même temps qu'il
n'y a pas de voyelle
oubliée dans le compte
phonétique ci-dessus)

103

fig. 2 :

BGE, Ms. fr. 3962/16, 12v^o-13

RV. X, 109. - *Samantam Saptatropes*. - I-V: *Trisūkh*. VI-VII: *Anuśrūṭ*.

(IV) *nikilāṣa*

	V	VII
P	5. 3.	2. 5. 1. 3. 3.
BH	1. 1.	1. 1. 2. 1. 2.
B	2. 1.	1. 1. 1. 1. 3.
K	2. 1.	1. 1. 1. 1. 3.
G	1. 2.	2. 1. 1. 1. 1.
CH	1. 2.	1. 1. 1. 1. 1.
Q	1. 2.	1. 1. 1. 1. 1.
TH	4. 5.	7. 6. 5. 2. 3.
T	2. 1.	7. 6. 5. 2. 3.
SH	2. 2.	1. 2. 1. 1. 1.
L	1. 1.	1. 1. 1. 1. 1.
C	1. 1.	1. 1. 1. 1. 1.
S	1. 1.	1. 1. 1. 1. 1.
S	2. 3.	4. 5. 3. 1. 1.
H	2. 5.	4. 1. 3. 1. 1.
h	2. 2.	1. 3. 1. 3. 1.
M	5. 6.	2. 5. 6. 3. 4.
M	2. 6.	3. 1. 2. 1. 1.
N	2. 6.	3. 4. 7. 6. 2.
N	2. 6.	3. 4. 7. 6. 2.
N	2. 6.	3. 4. 7. 6. 2.
N	2. 6.	3. 4. 7. 6. 2.
R	1. 2.	1. 1. 1. 1. 2.

22 P
4} 14 BH-B
10
8 K
7 G
3} 4 C'-CH^x
11 g'
32} 38 T-TH^x
6
1 T
23} 26 D-DH^x
3
1 L^x

132 Oclusives
en comptant le 1.
(64 Dentales, 36 Labiales,
32 pour les autres.)
N'y a 14 Aspirées

1 C
9 S^x
19 S
17 H^x
11 *visayas*

31} 38 M-M
7
30 N
4 N
1 N

8 R^x

40 R^x
4 L^x

66
66
46
73
44

(B) - I et VII le mot *nikilāṣa* -
(CH) - Comptes *prāyachād* -
(II) pour 1 seule unité.
(D) - *āśid* (II) est au 1/2 pāda
cf. aussi sous 1.
(T) - Conserve *āśid* (II) au 1/2 pāda
(L) - *durdhām* (IV) a pu être
durdhām, *durdhām*
(S) - Conserve *dāvih* *prāyachād* =
= *gā*, I; *ādadh* *punar*, VI.
(S) - Conserve *punar* *prāyachād*,
II, qui a pu être *punar* ou - *ar* -
vyhaspatih, V. - *niśēdub* IV
(H) - Au cas de *durdhām* pour
durdhām, cela pourrait faire
un H de plus.
(h) - On ten compte de la position
des deux pādas. - Voir les
tr devant p plus haut; l'un
deux a pu être 2.
(nikilāṣam, d'ailleurs garanti
par le mètre (VII), devrait
être *nikilāṣa*, *niśkilāṣa* -
(R) - au 1/2 pāda *mayādhū*, I -
punar *prāyachād*, II, *punar*
Malgré la scansion
Saptarṣayaḥ (IV) j'ai
compté *saptarṣayaḥ* dans
les 2.
- *durdhām* (IV) = *durdhām* ?

fig. 3 :

BGE, Ms.fr. 3969, fol. 83v^o-84 (detalhe)

A análise parte, cada vez, de um inventário fonológico detalhado cujos resultados são comparados no nível das grandes classes fonéticas: entre diferentes pontos de articulação das vogais (figuras 1 e 2), entre diferentes classes de consoantes – oclusiva, aspirada, líquida e nasal (figura 3). Em todos os casos, a contagem visa a estabelecer uma regularidade de distribuição de fonemas nos versos. Não é de se surpreender que Saussure, criticado por um estudioso alemão “de fazer linguística com uma régua e um compasso” (MEILLET, 1932, p. 285), fundamente sua abordagem científica do fato poético a partir da atualização de relações quantitativas.

O segundo ponto comum entre todas as pesquisas poéticas de Saussure é de ordem epistemológica. Todas testemunham um interesse central por questões de métrica verbal. Saussure coloca, com efeito, no centro de suas pesquisas uma unidade, a palavra, cujo papel e lugar nos versos são apreendidos como princípios estruturantes da criação poética. Uma

nota presente nos manuscritos sobre a versificação francesa dá conta desse questionamento:

Esquecida pela maioria

Métrica é uma conta em parte dupla (e a clareza da métrica depende unicamente da consequência com a qual se observa essa verdade). – há um esquema métrico para ser realizado (coisa arbitrária) e há partes de palavras concretas que se prestam mais ou menos a entrar nesse esquema. ~~Consequentemente~~¹⁵ A questão é (desde o início) saber em qual posição se encontram as palavras perante o verso; pois se não houvesse essa questão, provar ia-se que, alinhando as palavras de qualquer maneira, se encontraria sempre um esquema métrico, e não há então nem dificuldade para fazer um verso nem interesse.¹⁶

À realização dessas “palavras concretas”, no esquema métrico de um verso, Saussure dá, às vezes, o nome de “esquema verbal”. A análise desse conceito nos manuscritos saussurianos merece um estudo específico: ele constitui um fio condutor entre todos esses trabalhos. A atenção dada à interação entre o esquema métrico e a repartição das unidades linguísticas se manifesta em graus diversos. Ela é fundamental no caso da pesquisa sobre a versificação homérica de 1889. Ao assinalar que “seria necessário reconhecer um valor ao final da palavra” (SAUSSURE, 1922, p. 602), Saussure apresenta, de fato, um trabalho de métrica verbal. Esse trabalho precede, cinquenta anos, as descobertas principais sobre a estrutura verbal do hexâmetro datílico, desenvolvidas a partir do mesmo princípio, por O’Neil (1942). Mais tarde, quando compara os respectivos méritos das explicações quantitativas e acentuais do verso saturnino, Saussure atribui igualmente uma grande importância à articulação entre “esquema abstrato” e “esquema concreto” do verso. Ele insiste muito particularmente nas “razões, ~~mais~~ igualmente excelentes, tanto umas quanto as outras, e ~~(ao mesmo tempo)~~ para abordar o saturnino pelo seu esquema verbal e para não o abordar diferentemente”¹⁷. Mas, é com a teoria anagramática que o parâmetro verbal das análises poéticas de Saussure se faz mais patente. Pelo fato de a “palavra-tema” substituir a paridade fônica como princípio de composição poética, a estrutura do verso é, segundo essa hipótese, determinada por aquela de uma palavra – o “tema”, que está mais frequentemente presente no verso mesmo ou no seu entorno textual. Uma peça poética, nesse caso, não é mais considerada como um todo fonético regido por leis de equilíbrio

¹⁵ Todas as palavras riscadas no texto foram mantidas tal como se apresentam nos manuscritos de Saussure.

¹⁶ BGE, Ms. fr. 3970/f, fol. 8.

¹⁷ BGE, Ms. fr. 3962/10, fol. 21.

interno, mas como uma rede de eco com uma dada unidade lexical. Consequentemente, as análises desenvolvidas nos cadernos não tomam mais por base o verso ou o grupo de versos na sua totalidade, como é o caso nas figuras 1, 2 e 3, mas as unidades lexicais ou os grupos de unidades lexicais que os compõem. Essa mudança de abordagem que implica a hipótese da “palavra-tema” é perceptível no exemplo da análise de uma passagem de Platão reproduzida logo mais (figura 4). A pesquisa de grupos fonéticos comuns ao verso e à “palavra-tema”, aqui Λακεδαίμων (Lacedemônia – outro nome da cidade de Esparta), se opera pelo exame sucessivo de grupos lexicais. Cada grupo sintagmático que o linguista considera é seguido, após um sinal de igualdade, pelas suas afinidades fônicas com o tema presumido. Nesse caso, o anagrama se inscreve bem nesse prisma verbal que desenha, com a confiança acordada no método quantitativo, uma das duas linhas de força dos diferentes trabalhos de poética de Ferdinand de Saussure.

Platon. Hippocras major.

Les autres traces ne valent pas la peine d'être notées mais
à la 1^e page, lignes 7-10, Λακεδαίμων:

Λόγων οἱ ἄν[παρὰ τῶν πόλεων] ἐκάδων
 Λ — A — A — A — KE
 λέγονται πολλάκις μὲν οὖν/καὶ εἰς ἄλλας πόλεις
 Λ — AI — ΛAK — M — K — E (ΛA)
 ἐπρόβενδα, πλείστα δὲ καὶ παρὶ πλείδων
 A (Λ) A — K — E — ΔAI
 καὶ μεγίστων εἰς Λακεδαίμονα.
 AIM — ΩN

Outre les deux manuscrits totaux,
 on a

λέγονται = ΛAKEDAI
 μὲν οὖν = -MΩN ἄν[παρὰ] = -AKEDA-
 μεγίστων = -MΩN ἄλλας... ἐπρόβενδα id.
 καὶ μεγίστων = -KEΔAIMΩN
 δὲ καὶ = -ΔAI- ἐπρόβενδα = -EDA-
 δὲ καὶ παρὶ πλείδων = -ΔAIMΩN
 ἄν[παρὰ τῶν πόλεων] = AKED-AIMΩN
 ἐκάδων = -EΔAIMΩN

fig. 4 :

BGE, Ms. fr. 3965/7, fol. 1

2. « O direito de comparar »

Entre os diferentes trabalhos de poética, os pontos de contato são apenas de ordem metodológica e epistemológica. O empreendimento saussuriano não se limita ao estudo de tradições poéticas específicas para cada língua; ele estabelece entre elas tentativas de comparação. Ele se inscreve, nesse ponto de vista, no perímetro o qual hoje denominamos de “ a poética comparada”. Esta denominação, promovida notadamente por Calvert Watkins, designa o domínio de pesquisa que se interessa pelo emprego estético das formas linguísticas nos textos de várias línguas. Empregando o método comparativo, desenvolvido pela Linguística histórica e comparada do século XIX para o estudo das línguas indo-europeias, a poética comparada se junta aos traços comuns – métricas, estilísticas, formulários – atestados pelas tradições poéticas dessas línguas antigas e aparentadas. Calvert Watkins (1995 : 13 seq.) e Martin L. West (1988 : 152) concordam em situar, em 1853, através do artigo fundador de Aldabert Kuhn, a emergência desse campo de pesquisa e de hipótese constituinte de uma língua poética indo-europeia. Este artigo, tratando das nasais presentes em sânscrito – que Saussure cita no *le Mémoire* (1921 : 235) – sinaliza a correspondência entre duas fórmulas atestadas no *le Rig-Veda* (*akṣiti śravaḥ*) e nos poemas homéricos (κλέος ἄφθιτον), ambos significando uma “glória imortal”. Essa observação, incidente no artigo, é de um imenso alcance, pois ela se faz corresponder não a duas formas linguísticas, mas a dois sintagmas idênticos (constituídos de um nome seguido de seu epíteto), levantando assim a hipótese da existência no estágio do protoindo-europeu de rumos poéticos cuja poesia sânscrita, grega, e talvez de outras línguas teriam herdado. A equivalência posta por Kuhn vai abrir o caminho para a pesquisa de outras correspondências fraseológicas num número crescente de línguas (além do sânscrito e do grego, as línguas iranianas, eslavas, célticas, itálicas....) e dar corpo, com o conceito de “fórmula”, a importantes descobertas sobre os mecanismos de composição nas poesias arcaicas. No domínio da comparação métrica, os primeiros trabalhos são aqueles de Westphal (1860), de Usener (1887), e de Meillet (1897, 1913, 1923). Ora, é neste domínio que também se situam, de maneira contemporânea, os trabalhos comparativos de Saussure. Em uma carta a Charles Bally, datada de 17 de julho de 1906, ele escreveu:

Em algumas conversas, creio ter lhe dito, muito tempo antes de eu tratar do Saturnino, que eu fiquei surpreso com as relações (como esquema

métrico) entre o hendecassílabo lésbico e o *triṣṭubh* hendecassílabo védico. (PROSDOCIMI et MARINETTI 1990 : 50)

Mais adiante, ele traz algumas precisões sobre este trabalho:

< Do ponto de vista métrico>, há, entre certas formas métricas da Edda e o verso lésbico ou hindu hendecassílabo, coincidências sobre as quais acredito ter lhe falado igualmente e as quais eu fiz, há dois anos, uma lista demasiadamente completa. Mas, hesito em levar isso em consideração porque as sínopes linguistas forçariam a supor que o metro fosse transmitido como um esquema ABSTRATO, fora de versos servindo de modelo (*ibid.* : 52)

Esse « levantamento demasiadamente completo» não chegou até nós. De acordo com os manuscritos autógrafos conservados na Biblioteca de Genebra, apenas parecem se relacionar a ele três folhas reunidas em um envelope sobre o qual Saussure escreveu: «Verso indo-sáfico. Ne neglegatur » (BGE, AdS 383/2, fol. 42-46).

Se esses documentos apenas representam um fragmento da soma dos manuscritos de trabalho que devia necessitar de um « levantamento demasiadamente completo», eles já dão uma boa visão global do trabalho saussuriano. Nele, o linguista estuda as coincidências entre dois versos estróficos: um sânscrito – o *triṣṭubh* de Veda, que se compõe de quatro versos de 11 sílabas-, o outro grego – as estrofes sáfica e *alcaïque*, que também contém um verso de 11 sílabas, hendecassílabo lésbico. A primeira folha é particularmente instrutiva sobre a posição de Saussure face aos problemas teóricos que traz a métrica comparada. Nós o reproduziremos integralmente:

Sou excessivamente cético

Uma métrica comparada só poderia depender de uma métrica histórica, que ela mesma teria que justificar seus métodos, para as esclarecer.⁽¹⁾ Também sou ex-

Muitos testes de métrica histórica foram feitos, sem que os autores, coisa curiosa, sentissem <apenas> a necessidade de dizer se o veículo da forma métrica é, <para eles, no esquema métrico, transmissão esotérica ou>, nas palavras que preenchem, em um dado momento, um esquema métrico, em seguida, não o preenchendo, depois, em seguida da mudança linguística, criariam automaticamente um novo esquema independente da vontade dos poetas.

Existe aí, matéria não apenas para <uma> nova espécie de discussões, mas para uma nova ordem de pesquisas extremamente complicada e incerta; além do mais, destituído antecipadamente do critério da certeza ou da probabilidade.

Entretanto, vendo uma coincidência tão completa quanto aquela da ~~tristubh-~~ ~~do lirismo~~ verídico com o ~~primeiro~~ <mais antigo> metro ~~do lirismo~~ grego <lírico>, eu creio que ela pode ser sublinhada sem perigo e sem que tenhamos que ~~tomar fazer imedi-~~ <formular> imediatamente uma conclusão sobre seu parentesco genealógico possível.

~~Sabemos que t<T>oda a métrica verídica, diferente da métrica grega, se liga ao NÚMERO DAS SÍLABAS, isto é. não admite a bisseção.~~

~~Este princípio possui, todavia, uma outra significação que aquela do grego. O grego não visa à sílaba, visa e ao número das sílabas de seu valor métrico. É assim que~~
(BGE, AdS 383/2, fol. 43)

Encontramos aqui, endereçada aos métricos, a mesma crítica de inconsistência epistemológica que ele endereça aos linguistas de seu tempo. As duas críticas se unem numa mesma denúncia de uma insuficiente reflexão sobre « a entidade », linguística ou métrica. Face a uma apreensão positivista da entidade como dado da experiência e da observação, Saussure apreende, sabemos disso, a entidade como uma construção elaborada pelo ponto de vista adotado. Por falta de uma definição reflexiva de seu ponto de vista, os métricos, assim como os linguistas, « criaram fantasmas aos quais estão ligados » (SAUSSURE 1997: 23). É o mesmo mecanismo que o primeiro parágrafo denuncia aqui. As lacunas da métrica histórica – Usener (1887) parece aqui particularmente visada¹⁸ – são imputáveis à confusão dos pontos de vista, concernindo ao que ele denomina « a forma métrica ». Conforme a maneira que a concebemos, como um esquema métrico abstrato ou como « as palavras que substituem em um dado momento um esquema métrico » – o esquema verbal –, o problema de sua transmissão muda completamente. Em suma, antes

¹⁸ O *Altgriechischer Versbau* d'Usener faz parte dos livros da biblioteca de Saussure (cf. Gambarara 1972 : 363). A crítica feita por Saussure está relacionada à métrica histórica de Usener se une àquela feita por Campanile : « Un altro punto appare contestabile nel metodo dell'Usener : quando da un verso sillabico, quale sarebbe stato quello indoeuropeo, deduce un verso quantitativo unicamente attraverso una serie di processi autogeni, prescindendo da tutti i fattori linguistici e non linguistici che possono averlo attivato e accompagnato. Dire, per esempio, che una base cade, non è affermare cosa inverisimile ; ma una tale affermazione, non inquadrata in un adeguato contesto storico (nel senso più lato del termine e tale, quindi, da includere anche i fattori linguistici), che venga giustificarla, ha tutto l'aspetto di un circolo vizioso : la sincope di quella certa base si presenta come necessaria nel processo che da A porta a B, e l'esistenza di un processo che da A porta a B si presenta come necessaria grazie a quella sincope » (1982 : 142).

de fundar uma métrica comparada, necessitaria, para retomar uma fórmula saussuriana, mostrar qual espécie de objeto é o metro em geral¹⁹.

O ceticismo, sobre os fundamentos epistemológicos de uma métrica comparada, não impede Saussure de sublinhar a coincidência entre o verso de *triṣṭubh* e o hendecassílabo lesbiano. Ele se abstém de concluir por uma origem comum dos dois metros, evidentemente, por duas razões. A primeira diz respeito à diferença de tamanho que ele observa entre a versificação do sânscrito e do grego. Se elas são ambas quantitativas, os metros de Veda fixam-se nos números de sílabas fixas, ao passo que certos versos gregos toleram o que ele denomina de « a bisseção », isto é, a possibilidade que em certas posições, duas sílabas breves equivalem a uma sílaba longa. Essa bisseção induz, para certos metros, um número variável de sílabas. Assim, o hexâmetro dáctilo oscila entre 12 e 17 sílabas, enquanto que os principais metros empregados no Rig-Veda (*gāyatrī*, *triṣṭubh* e *jagatī*) sempre apresentam, cada um, o mesmo número de sílabas (respectivamente 8, 11 e 12 sílabas). A segunda razão mais fundamental, da prudência saussuriana, diz respeito à convicção de que uma abordagem histórica de um metro é indissociável das formas linguísticas que o realizam. A reconstituição de um metro comum em várias línguas se choca então com propriedades prosódicas de cada língua, específicas e mutáveis no tempo, o que explica que Saussure repugna « supor », como ele escreveu para Bally, « que o metro era transmitido como um esquema ABSTRATO, fora de versos servindo de modelo. »

Na época em que Saussure escreveu essas folhas – 1904 se consideramos a data da carta de Bally – a aproximação entre verso grego e verso sânscrito não era totalmente inédito. Meillet, em um artigo de 1897, já a tinha delineado. Mas, a comparação era revelada decepcionante. Meillet tinha ressaltado notadamente a semelhança formal entre um verso de *jagatī* e um trimetro iâmbico de Eschyle, ambos de 12 sílabas com cortes similares, mas ele tinha concluído isso como « um puro acaso » (1897: 291). Foi apenas em 1913, no capítulo do *Aperçu d'une histoire de la langue grecque* consagrada às « Origens da métrica grega », que Meillet analisou as correspondências precisas entre o hendecassílabo lébico e

¹⁹ A fórmula se encontra numa carta de Saussure a Meillet : « Sempre a inércia absoluta da terminologia corrente, a necessidade da reforma e de mostrar para isto qual espécie de objeto é a língua em geral, vem alegrar meu prazer histórico, mesmo se o meu desejo mais caro é de não ter que cuidar da língua em geral. » (BENVENISTE 1964 : 95).

o verso de *trištubh* védico, com relação à prosódia, número de sílabas e rupturas. Mas, diferentemente de Saussure, ele conclui que o conjunto das concordâncias entre os dois versos « supõe que o verso védico e o verso grego repousam sobre um mesmo tipo métrico » (1913: 156). Ele elimina a objeção saussuriana, relativa ao número variável de sílabas dos metros gregos, atribuindo à bisseção de uma sílaba longa em duas sílabas breves, admite para certos versos – os versos dáctilos em particular – sua origem não indo-europeia. Quanto ao problema de uma diacronia métrica irreduzível a um esquema abstrato, Meillet resolve-o com a intuição de uma transmissão fraseológica remontando a mais profunda Antiguidade: as « fórmulas »²⁰. Essas hipóteses foram retomadas e desenvolvidas na sua obra de 1923, *Les origines indo-européennes des mètres grecs*. Em suma, dez anos antes do capítulo *Aperçu* e vinte anos antes de *Les origines* – unanimemente mantido por fundadores da métrica comparada (JAKOBSON 1952, WEST 1973, BADER 1988, WATKINS 1995...) – Saussure reconheceu, pelo mesmo viés que Meillet, a correspondência dos metros védicos e eólios, mas sem deduzir a um certo « parentesco genealógico ».

O trabalho sobre a questão do saturnino conduz Saussure, em 1906, a querer realizar outras comparações métricas. Redigiu, nesta ocasião, uma nota com caráter epistemológico sobre a métrica, onde questiona sobre « o direito de comparar » na matéria:

²⁰ É Parry, em sua tese de 1928, quem vai dar corpo ao conceito de fórmula mostrando sua importância na composição dos poemas homéricos. Ele ressalta então o papel pioneiro de Meillet « quando ele exprimira a opinião que o estilo homérico é completamente formulário » para esta perspectiva de pesquisa (PARRY 1928 : 6).

poéticas das línguas indo-europeias. Hipótese totalizante, então, mas que Saussure dota de uma grande plasticidade, pois se transmitindo a prática anagramática seria adaptada nos diferentes gêneros através do tempo. « Cada época podia ver nela o que ela queria e nunca viu a mesma coisa » (STAROBINSKI 1971: 126). Se o anagrama está em curso em todas as produções poéticas da Antiguidade, desde a época arcaica até aquelas da latinidade tardia, seu papel varia em função dos gêneros e dos contextos sócio históricos. O gênero mais antigo é, para Saussure, o gênero lírico. As primeiras testemunhas são, para as línguas que ele examina, os *stances* do Rig-Veda e a poesia lírica dos séculos VII e VI antes de nossa era. Ele atribui ao anagrama nesses poemas uma função encantatória cuja motivação seria originariamente de ordem mágico-religiosa. O anagrama permitiria associar ao corpo do texto as sílabas do nome cantado, deus ou herói:

Com efeito, compreende-se a ideia supersticiosa que pôde sugerir que para que uma prece tenha seu efeito, necessitaria que as sílabas, até mesmo do nome divino, fossem indissoluvelmente misturadas. Fixava-se, por assim dizer, o Deus no texto, ou seja, introduzia-se às vezes o nome do devoto e o nome do deus, criava-se uma ligação entre eles que a divindade não era, por assim dizer, mais livre para recusar. (SAUSSURE 1964: 114)

Depois, o linguista visa que a prática seja transmitida e adaptada a outros:

Partida de invocações e de preces, esta poética *phonisante*, e especialmente o anagrama, passava muito naturalmente a outras peças líricas, como os poemas em honra a um morto. Mas, daí, e quando uma poesia épica se desenvolvesse, o hábito e a tradição deviam quase fatalmente transportar nesse novo gênero a prática dos anagramas. Não teria nada de estranho, se mesmo os Gregos tivessem necessidade de um certo tempo antes de tirar sua poesia dessa velha parafernália indo-europeia (SAUSSURE 1964: 114)

No domínio épico, são poemas homéricos que são particularmente examinados. O poeta não dissemina neles mais as sílabas do nome de um deus para evocar, mas aquelas dos actantes da narração: nomes de heróis, de povos, de monstros, de objetos... O anagrama perde então sua função encantatória e unificante que ele tinha num hino. No quadro de uma epopeia longa de mais de 15000 versos como a *Ilíada*, o processo de difração das sonoridades no verso se aplica alternadamente a uma pluralidade de nomes importantes da narrativa. A análise saussuriana emite assim uma sucessão de « palavras-tema » no longo continuo da *Ilíada* e da *Odisseia* que dá corpo à teoria das « partes ».

Uma « parte » é, para Saussure, uma unidade textual de alguns versos, no poema épico reproduzindo um mesmo anagrama. Essa divisão do texto se inscreve na concepção analista majoritária nos filólogos, e que divide o linguista, de acordo com a qual os poemas homéricos tais quais nós os conhecemos resultariam da agregação progressiva de cantos primitivos e independentes. O anagrama que dá sua unidade às « partes » assume nesse quadro um papel na estruturação dos poemas homéricos. Faria parte das técnicas de composição e de recitação atribuídas aos poetas homéricos – os aèdes – revestindo uma função mnemônica. As « palavras-tema », presentes de parte a parte permitiriam aos aèdes assegurar o encadeamento dos textos e a recitação contínua dos poemas:

Uma das aplicações dadas ao anagrama (e, talvez, as pesquisas futuras mostrarão que é a principal) é, com efeito, para anunciar o tema que vai vir, ou para anunciar no seu texto o verso central da nova parte, antes do fim do precedente; de maneira a assegurar o encadeamento das peças, sucessivamente, ajudando a memória dos recitadores para o verso principal, de cada uma. (SAUSSURE 2013: 63)

Saussure descobre, durante suas análises sobre o texto homérico, jogos de correspondência entre partes pelo viés das « palavras-tema ». Certas partes antecipariam, com efeito, a palavra-tema da parte seguinte, facilitando assim sua transição para a memória da aède. É esse tipo de fenômeno que descreve o linguista sobre partes consagradas a Tântalo, depois a Sísifo do canto 11 da *Odisseia*:

Depois que, na parte que concerne à Tântalo, a próxima entrada em cena de SÍSIFO tinha sido anunciada, de uma maneira (geral e) sumária pelo duplo anagrama dos versos 584-585, deu-se em seguida, de 589 a 592, então nos quatro últimos versos antes de chegar a Sísifo –, uma lição ou um « ensaio » completo tomando a palavra no sentido o mais próximo daquele que teria o teatro sobre o que se encontra nos dois versos iniciais da parte que vai começar. Muito aparentemente para que o menestrel, ou o aède, sentisse sua memória em falha, possuía um meio de encontrar o texto ou de fixá-lo, – tomando-se dele antes, naturalmente; pois seria difícil pretender que no curso mesmo da recitação, alguém tivesse ou o tempo de recolher e de coordenar as coisas inscritas nesta ajuda-memória de natureza especial. (SAUSSURE 2013: 82)

Se os anagramas são belo e bem pensados como um suporte para a oralidade, a ajuda à recitação é fixada antes. No pensamento de Saussure, composição e execução são disjuntas. Permanecida inédita, a hipótese saussuriana sobre o papel do anagrama na

composição dos poemas homéricos é contemporânea das pesquisas sobre a oralidade e sobra as técnicas tradicionais de improvisação – a tese de Paulhan sobre os *hain-teny merinas*, os trabalhos do folclorista Van Gennepe ou do slavista Mathias Murko – de que se inspirara a teoria da « oral poetry » de Milman Parry e de Albert Lord para pensar a recitação aèdica como uma performance no curso da qual se cria o poema.²¹

Para o exame do corpus saturnino, o anagrama encontra sua função encantatória. Ele serve, por exemplo, para disseminar as sílabas do nome do defunto para o qual é dedicada uma inscrição funerária em versos saturninos.

As coisas se complicam, no entanto, visto que Saussure visa que a prática anagramática seja transmitida em textos de todos os escritores da literatura latina: « tornando mais pessoal, à medida em que se avançava no tempo, eu reconhecia que a questão se religa de perto a uma *intenção poética*, o que eu neguei ou apresentei sob outros aspectos, para a soma dos séculos antes desta poesia pessoal » (STAROBINSKI 1971: 126).

A heterogeneidade das *intenções poéticas* – depois da poesia didática de Lucrecio até as narrativas históricas de Tite Live e passando pelas cartas de Cícero, de César ou pelas tragédias de Sêneca – acompanha-se de uma multiplicação das funções atribuídas ao anagrama. Toma, às vezes, segundo Saussure, um valor de assinatura permitindo autenticar pela difusão do nome do poeta, a paternidade de um poema. Às vezes, a palavra – tema escolhida é o nome de quem a dedicatória está sendo feita – Mecenas por exemplo, nos primeiros versos dos *Geórgicas*. Às vezes, a visão é crítica e o poeta se serve dela para dissimular, segundo os casos, um saber escondido, o nome da mulher amada, o alvo de seus ataques... Sobretudo, a intenção poética da « poesia pessoal » subsume a acusação de uma intenção anagramática, o anagrama tornando-se então « uma segunda natureza para todos os romanos educados que pegavam a pluma para dizer a palavra a mais insignificante » (Ibid: 117). Fundamentalmente, a questão do porquê do anagrama é secundária na teoria saussuriana.

Uma vez a coisa instituída, ela podia ser compreendida e explorada em sentidos muito diferentes, de época à época ou de poesia à poesia. Como para qualquer outra FORMA instituída e consagrada pelo tempo, sua causa original pode ser diferente de sua razão aparente, mesmo se esta prevê dar a mais excelente explicação; e é assim que se pode, acredito, prever o

²¹ Sobre a questão da oralidade poética no pensamento saussuriano. Nós nos permitimos indicar Testenoire 2012 e Testenoire, 2013:207-250.

« costume poético » dos anagramas de maneiras diversas, sem que uma exclua a outra. (Ibid : 125).

O que interessa a Saussure é como o anagrama, que ele define como uma « FORMA instituída e consagrada pelo tempo, « se transmite e se reconfigura nesse processo de transmissão, transcendendo as categorias literárias, os gêneros, a distinção poesia/prosa.

Convém-se, em definitivo, falar de uma « poética saussuriana », esta deve designar o conjunto de pesquisas formais consideradas sob várias tradições poéticas, e cuja hipótese anagramática é a última manifestação. As pesquisas poéticas do linguista genebrino encontram-se na mesma abordagem indutiva que está na obra, na sua linguística geral. Saussure não parte de categorias gerais – a « língua poética », o « verso », a « métrica » – mas dos textos poéticos atestados nas diferentes línguas indo-europeias. A comparação métrica e poética é prevista, mas seus métodos são submissos a um exame crítico. Saussure escreve que « o estado de espírito que convém em relação a todas as aproximações métricas sem exceção é principalmente aquele de um ceticismo, por assim dizer, absoluto, pois é fácil manear a pobre < fazer entrar toda > massa métrica numa forma ou em outra » (BGE, Ms. fr. 3962/2, fol. 16). Um dos desafios das pesquisas saussurianas é demonstrar que a materialidade verbal dos poemas não é uma « massa métrica » a derramar em uma forma, mas o resultado de uma distribuição fonética elaborada, objeto de uma ancestral « ciência da forma vocal das palavras ».

Bibliografia

ANGELI Florence, 1991, « Un inedito saussuriano sul verso francese : schizzi di una poetica ? », *Studi e Saggi Linguistici* 31, p. 145-159.

ARRIVÉ Michel, 2007, *À la recherche de Ferdinand de Saussure*, Paris, Presses Universitaires de France.

ARRIVÉ Michel, 2009, « La Rime dans l'enseignement de Ferdinand de Saussure », *Cahiers Ferdinand de Saussure* 62, p. 103-115.

BADER Françoise, 1988, « Meillet et la poésie indo-européenne », *Cahiers Ferdinand de Saussure* 42, p. 97-125.

BADER François, 1993, *Anagrammes et Allitérations*, Louvain – Paris, Peeters.

BENVENISTE Emile, 1964, « Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet », *Cahiers Ferdinand de Saussure* 21, p. 93-130.

BRAVO Federico, 2011, *Anagrammes. Sur une hypothèse de Ferdinand de Saussure*, Limoges, Lambert-Lucas.

CAMPANILE Enrico, 1982, « La metrica comparativa du Herman Usener », in *Aspetti di Hermann Usener Filologo della religione*, éd. Arrighetti Graziano et alii, Pise, Giardini, p. 137-145.

CHOI Yong-Ho, 1997, *Le temps chez Ferdinand de Saussure*, thèse de doctorat sous la direction de Michel Arrivé, Université Paris X – Nanterre.

COLE Thomas, 1969, « The saturnien verse », *Yale Classical Studies* 21, p. 1-18.

GAMBARARA Daniele, 1972, « La bibliothèque de Ferdinand de Saussure », *Genava* 20, p. 319-368.

GANDON Francis, 2002, *De dangereux édifices. Saussure lecteur de Lucrèce. Les cahiers d'anagrammes consacrés au De Rerum Natura*, Louvain – Paris, Peeters.

HELSLOOT Niels, 2003, « Divine Rock. Ferdinand de Saussure's Poetics », *Berträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* 13, p. 187-231.

JAKOBSON Roman, 1952, « Slavic epic verse. Studies in comparative metrics », in *Selected Writings IV, Slavic Epic Studies*, The Hague, Mouton & Co, p. 416-463.

JAKOBSON Roman, 1966, « Retrospect » in *Selected Writings IV, Slavic Epic Studies*, The Hague, Mouton & Co, p. 637-704.

JAKOBSON Roman, 1975, *Coup d'œil sur le développement de la sémiotique*, Bloomington, Indiana University Press.

JAKOBSON Roman, 1978, « Entretien avec Régine et Robert Georgin », *Cahiers Cistre* 5, *Jakobson*, p. 11-26.

JOSEPH John E., 2012, *Saussure*, Oxford University Press, Oxford.

KUHN Aldabert, 1853, « Über die durch Nasale erweiterten Verbalstämme », *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung* 2, p. 392-455.

LAPLANTINE Chloé, 2012, « À propos du cours de versification française », in Bédouret-Larraburu Sandrine et Prignitz Gisèle (éds.), *En quoi Saussure peut-il nous aider à penser la littérature ?*, Pau, Presses Universitaires de Pau et des Pays de l'Adour, p. 139-150.

MEILLET Antoine, 1897, « De la partie commune des Pādas de onze et douze syllabes dans le Maṇḍala III du Rgveda », *Journal asiatique*, 91, pp. 266-300.

MEILLET Antoine, 1913, *Aperçu d'une histoire de la langue grecque*, Paris, Hachette.

MEILLET Antoine, 1923, *Les origines indo-européennes des mètres grecs*,

MEILLET Antoine, 1932, « La grammaire comparée au Collège de France », in Lefranc Abel et alii (éds.) *Le Collège de France (1530-1939)*, Paris, Presses Universitaires de France, p. 279-289.

NAGY Gregory, 1974, *Comparative Studies in Greek and Indic Meter*, Cambridge, Harvard University Press.

O'NEILL Eugene G., 1942, « The localization of metrical word-types in greek hexameter : Homer, Hesiod, and the Alexandrians », *Yale Classical Studies* 8, p. 105-178.

PARRY Milman, 1928, *L'épithète traditionnelle dans Homère*, Paris, Les Belles Lettres.

PROSDOCIMI Aldo Luigi et MARINETTI Anna, 1990, « Saussure e il saturnio. Tra scienza, biographia e storiographia », *Cahiers Ferdinand de Saussure* 44, p. 37-71.

RASTIER Françoise, 1970, « À propos du saturnien. Notes sur « Le texte dans le texte, extraits inédits des cahiers d'anagrammes de Ferdinand de Saussure, par Jean Starobinski », *Latomus* 29, p. 3-24.

SAUSSURE Ferdinand de, 1922, *Recueil des publications scientifiques de Ferdinand de Saussure*, éd. Charles Bally et Léopold Gautier, Genève, Payot.

SAUSSURE Ferdinand de, 1986, *Le Leggende Germaniche*, éd. Anna Marinetti et Marcello Meli, Este, Zielo.

SAUSSURE Ferdinand de, 1997, *Deuxième cours de linguistique générale (1908-1909). D'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois*, éd. Eisuke Komatsu, Oxford – New York – Séoul - Tokyo, Pergamon.

SAUSSURE Ferdinand de, 2008, « Traduction de Eschyle, *Agamemnon* » éd. Claudia Mejia Quijano et Natalia Restrepo Montoya, *Cahiers Ferdinand de Saussure* 61, p. 199-238.

SAUSSURE Ferdinand de, 2002, *Écrits de linguistique générale*, éd. Simon Bouquet et Rudolf Engler, Paris, Gallimard.

SAUSSURE Ferdinand de, 2011, *Science du langage. De la double essence du langage*, éd. René Amacker, Genève, Droz.

SAUSSURE Ferdinand de, 2013, *Anagrammes homériques*, éd. Pierre-Yves Testenoire, Limoges, Lambert Lucas.

SHEPHEARD David, 1982, « Saussure's Vedic Anagrams », *Modern Language Review* 77/3, p. 513-523.

STAROBINSKI Jean, 1971, *Les mots sous les mots. Les anagrammes de Ferdinand de Saussure*, Paris, Gallimard.

TESTENOIRE Pierre-Yves, 2008a, « Saussure métricien : les diérèses homériques », *Cahiers Ferdinand de Saussure* 61, p. 43-59.

TESTENOIRE Pierre-Yves, 2008b, « Une étape inédite de la réflexion anagrammatique : Le brouillon d'une lettre de Ferdinand de Saussure à Charles Bally daté du 30 juillet 1906 », *Cahiers Ferdinand de Saussure* 61, p. 239-250.

TESTENOIRE Pierre-Yves, 2010, « Des anagrammes chez Homère ? De Saussure aux commentateurs anciens », *Lalies* 30, p. 215-231.

TESTENOIRE Pierre-Yves, 2012, « Littérature orale et sémiologie saussurienne » in Bédouret-Larraburu Sandrine et Prignitz Gisèle (éds.), *En quoi Saussure peut-il nous aider à penser la littérature ?*, Pau, Presses Universitaires de Pau et des Pays de l'Adour, p. 61-77.

TESTENOIRE Pierre-Yves, 2013, *Ferdinand de Saussure à la recherche des anagrammes*, Limoges, Lambert-Lucas.

TESTENOIRE Pierre-Yves, 2015, « Ce que les théories du discours doivent à Saussure. Notes sur la note sur le discours », in Cruz Marcio Alexandre, Piovezani Carlos et Testenoire Pierre-Yves (éds.), *Le discours et le texte : Saussure en héritage*. Academia-L'Harmattan, Louvain-la-Neuve, à paraître.

TOPOROV Vladimir Nikolaevič, 1981, « Die Ursprünge der indoeuropäischen Poetik », *Poetica* 13, p. 189-251.

USENER Hermann, 1887, *Altgriechischer Versbau, ein Versuch vergleichender Metrik*, Bonn, Cohen & Sohn.

WATKINS Calvert, 1995, *How to Kill a Dragon : Aspects of Indo-European Poetics*, New York, Oxford University Press.

WEST Martin Lichtfield, 1973, « Indo-European Metre », *Glotta* 51, p. 161-187.

WEST Martin Lichtfield, 2007, *Indo-European poetry and myth*, New York, Oxford University Press.

WESTPHAL Rudolf, 1860, « Zur vergleichenden Metrik der indogermanischer Völker », *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung* 9, p. 437-458.

WUNDERLI Peter, 1972, *Ferdinand de Saussure und die Anagramme. Linguistik und Literatur*, Tübingen, Max Niemeyer.

ⁱ **Pierre-Yves Testenoire** - Professor temporário de ensino e pesquisa. Université Paris- Sorbonne. Membro do laboratório *Histoire des Théories Linguistiques*. pytestenoire@yahoo.fr